

Redacção, Administração e Propriedária CASA DO GAIATO-PAÇO DE SOUSA — Telef. 5-CETE	Director e Editor PADRE AMÉRICO
Composto e Impresso na TIPOGRAFIA DA CASA DO GAIATO-PAÇO DE SOUSA	Vales de correio para PAÇO DE SOUSA

AVENÇA

Visado pelo
Comissário de Censura

Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES ANO XI • N.º 272 • PREÇO 1\$00

BODAS DE PRATA

Vinte e cinco anos de sacerdócio. Foi no dia 29. Cada padre da rua, em sua comunidade, festejou a data e tudo quanto se fez foi em redor do Altar. Nem sessões, nem discursos, nem foguetes... Por Jesus, dissemos ao Pai Celeste o nosso agradecimento pela imensidão dos Seus benefícios.

Pai Américo está no Geze. Valemo-nos da sua ausência para substituímos o artigo de fundo que ele deixara por este, respigado de «Lume Novo», um jornal dos seminaristas de Coimbra que ele ajudou a fundar naquele tempo. Ele queria silêncio total sobre o facto. Nós fazemos pequeno ruído, para que todos os amigos da Obra da Rua possam comungar na nossa prece por Pai Américo e na acção de graças ao Senhor nosso Deus, Único a quem são devidas toda a honra e toda a glória.

Santo Agostinho reflectindo sobre o valor e a dignidade do sacerdote, teve este pensamento profundo:—sacerdos, quis est tu? E imediatamente responde: *nihil et omnia*

Esta frase que à primeira inspecção se nos pode afigurar um contra senso, um paradoxo, não o é na verdade. Eu tive ocasião, feliz ocasião... de a ver mais uma vez realizada nas minhas últimas férias. Foi uma manhã fresca de Julho. Numa capelinha muito limpa, muito bem disposta, muito linda numa palavra, ia ter lugar nesse dia um duplo acto:—um novel sacerdote ia estrear a capela, e a capela ia estrear o sacerdote.

É sempre muito tocante, muito comovedor, a celebração duma missa nova. Um rapaz que ontem considerávamos um nosso igual, com quem brincávamos despreocupadamente, e vermo-lo hoje tão distante de nós, envolto nas suas vestes de sacerdote, distribuir-nos o próprio Deus que ele mesmo fez descer do Céu, dar-nos a beijar as suas mãos sagradas, são coisas que não podem deixar de comover as fibras mais insensíveis da alma.

Logo de manhã, a pequena capela encheu-se de lés a lés, não restando nm único lugar vazio. Ia começar o acto tremendo do sacrificio.

O sacerdote, hirto nas suas vestes sagradas, grave e recolhido, dirige-se num passo solene para o altar, enquanto o órgão manuseado por hábeis mãos fazia ouvir acordes solenes e festivos.

In nomine Patri et Filii et Spiritus Sancti, e todos como que electrizados pela voz comovida do sacerdote levam a mão à testa e começam da mesma forma o sacrificio. Desde o introito à comunhão a missa continuou naquele tom cheio de fé e cheio de enternecimento que para mim já não causou estranheza.

Aproximou-se o momento solene e inescrevível da comunhão. O som do órgão era mais melodioso, mais piano e assim se ouviu mais distintamente a voz trémula do neo-sacerdote. Comoveu-me o tom de sinceridade, de convicção, que aquele nosso ex-companheiro sabia imprimir aos seus discursos, aos seus conselhos. Diante desta palavra senti-me sempre pequenino e edificado. Mas nesse dia, certamente o mais feliz da sua vida, no momento da comunhão as suas palavras fizeram em mim tal

pressão que ainda nenhum mais outras tinham feito.

Domine, non sum dignus. Ele segurando na sua mão trémula uma hostiazinha que encerrava o Criador, olhando para a sua dignidade e para a sua indignidade—porque todos o somos; comoveu-se e os seus olhos disseram-nos o que a sua alma sentia. *Domine non sum dignus.* Estas palavras pronunciadas num tom de grande sinceridade e profunda comoção, fizeram uma grande impressão na assistência. Houve muitos olhos que se humedeceram. Eu por mim, confesso, também chorei. O centurião do Evangelho não as teria pronunciado doutra forma.

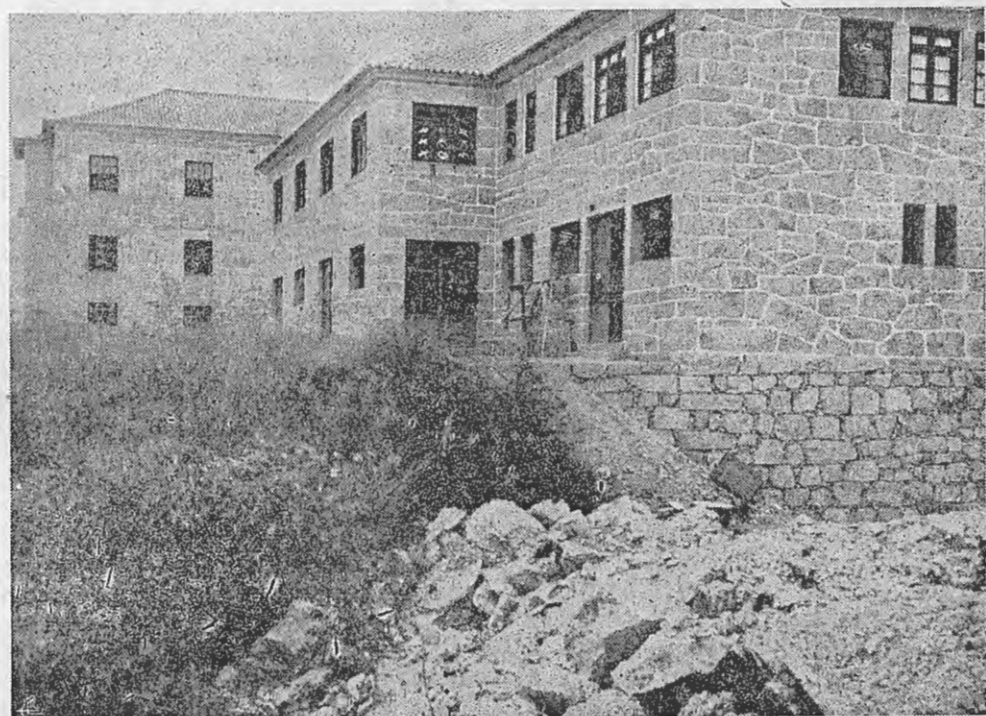
Começa a distribuição da Santa Eucaristia, e o novo dispenseiro do Senhor, com um regozijo imenso que bem lhe vimos impresso no rosto a todos nos saciou com as melhores dádivas do seu Amo. Desde esse momento soleníssimo até à benção que era a primeira dada pelas suas mãos sagradas, do coração de todos sem dúvida, subiu ao Céu uma prece fervorosa agradecendo a Deus o companheiro que nos havia dado e pedindo-lhe derramasse sobre ele graças abundantes para poder cumprir os pesados deveres do novo estado.

Deo gratias, respondem os acólitos.

A mesma frase com certeza foi balbuciada pela assembleia:—graças por nos ter concedido assistir a acto tão edificante, graças por mais um sacerdote, graças por nos haver saciado com o Corpo Preciosíssimo.

Por fim, a rematar toda a cerimónia houve o Beija-mãos, acto sempre tocante na sua simplicidade. E não foi sem um profundo respeito que beijei aquelas mãos há pouco unguidas. Chegando ao fim destas linhas, não consegui, talvez, prender por um pouco a atenção dos que me lêem. Contudo a minha alma vibrou intensamente no dia da primeira missa do novo e mui Rev.º P.º Américo. Era minha intenção ao principiar este artigo, dar uma pequena ideia do que foi a missa nova do nosso Américo, como ontem lhe chamamos. Não o consegui bem o sei; contudo voltarei a dizer que foi um acto tocantíssimo, muito edificante.

Ah! Se os todos sacerdotes dissessem a sua milésima missa como este celebrou a primeira, não haveria sem dúvida tantos de:crentes.



As novas instalações fabris de Paço de Sousa, já se encontram em pleno rendimento. Ferreiros, carpinteiros, serralheiros, alfaiates, sapateiros, e também latoeiros; obra de vender nas feiras. Quem quiser é só pedir e a gente executa.

DOCTRINA

Um das vezes vem a carta, outras vezes é a própria mãe com o filho pela mão. E ainda outras é um grupo de enternecidos que se interessam e pedem para nós recebermos o *menino*. Isto é todos os dias e em cada uma das casas do Tojal, de Miranda e daqui. De tão longe vem o mal e tais raízes lançadas, que hoje não se discute. É um caso arrumado. O filho ilegítimo entrou nos costumes. É p. trimónio. Pertence-nos. Desta forma não admira o tom e o estilo de muitas cartas recebidas; são um verbo no imperativo. O mesmo se diz da mãe que aqui chega. Ela enche-se de razão e declara: *eu tenho de servir e não posso levar o meu filho comigo*. Assim protegidas pela opinião, não admira que estas mulheres frescas robustas e vistosas, deixando ficar um, passem a ir buscar outros...! Seria interessante procurar o número de crianças que vieram ao mundo *sem pai*, hoje existentes em todas as casas do Império da natureza da nossa; seria interessante. Nós podemos e de boa vontade damos a nota das que temos. A estes

Um dia feliz! Foi-o sem dúvida esse para o «Frei Junípero» a quem o *Lume Novo* deve as suas melhores páginas. Feliz, felicíssimo. Eu vi toda a sua felicidade expressa num abraço, muito fraternal, muito do coração que o Américo deu a um antigo criado desta casa, uma boa alma que costuma muitas vezes visitar-nos. Naquele momento foi o seu irmão mais querido.

NOV. 1929

M. P.

junta-se a multidão de inocentes que andam fora da Roda e Asilos; e eu não sei se haveria coragem de dizer a verdade. A tal ponto temos deixado chegar as coisas!

Ele existe na verdade uma lei de investigações. Ontem veio ter às nossas mãos um documento de um caso a correr nos tribunais, aonde aparece um menor que cá temos. Eram quatro folhas de papel azul. Havendo no Porto, como há, um Curador de Menores, logicamente se lhe mandou o documento. Que não. Mandou-se em seguida à pessoa por ele indicada: na mesma. Foi-se por último à Comarca aonde o processo corre, e houvemos de fugir, tal o emaranhado.

Começou há pouco tempo a caça ao analfabeto e os resultados estão hoje à vista de toda a gente. Quando aparece o homem que comece também a dar caça ao *pai ilegítimo*? Se há dúvidas de qual é, paguem tantos quantos. Se não querem, sejam todos castigados. Se funcionários públicos, não há acessos nem promoções. Se homens civis, não têm direitos. Se doentes, manicómios. Se lórpas, cadeia. Caça ao *pai ilegítimo*. Podemos ir buscar à legislação do analfabetismo e aplicá-la com a mesma justiça aos homens responsáveis da sua paternidade. Não se fez injúria a ninguém. É antes obrigar cada um a ler e a escrever o que fez. É preciso que eles não fiquem toda a vida analfabetos.

Que venha o homem. Que Deus suscite o homem. Tem de ser um enviado extraordinário; não serve um qualquer.

ISTO É A CASA DO GAIATO

UMA CARTA

*** O *Pombinha* tem sempre um grande pedido a fazer-me quando eu vou ao Lar do Porto; pede-me licença para pôr *cheirinho* na cabeça e eu digo-lhe que não.

perguntas. Dali foram todos para o refeitório. O chefe toma conta e marca-lhe lugar. O pequeno é muito vivo. Muito inteligente. Muito prestigioso. Saído que foi da mesa



O António Sérgio faz festas ao vitelinho que acaba de nascer.

*** Ontem apareceu aqui alguém com um pacote de bolos. Abri. Vi do que se tratava. Chamei o mais pequenino de todos e disse que fosse ao refeitório e desse a cada um, um. Estavam todas à mesa. Era o refeitório dos *Batatas*. Ele vai com o pacote, mete a mão dentro e coloca o primeiro no seu lugar indo depois em roda deixar um a cada um. Primeiramente ele...

*** Dias depois, chega aqui outro quase da mesma idade. Traz na mão uma saqueta com a sua roupa dentro. Levam-no à rouparia aonde o vestem à nossa moda. A senhora manda-o ir buscar a saca. O pequenino foi, sim, mas para melhor a guardar! Andou o dia inteiro com ela debaixo do braço, vigilante e desconfiado, dizendo que não a todos quantos lhe pediam; *é minha*. Ora aqui temos dois mais seguros, porque inocentes. O primeiro ensina que todo o homem escolhe naturalmente o melhor para si sempre e em todas as circunstâncias. Que o interesse é força e medida que o faz andar. Ele segurou-se em primeiro lugar só depois vai em redor dar um a cada um. Tem cinco anos. É inocente. Se hoje, na nossa idade, conhecemos homens que procedem de maneira diferente, saibamos todos que isso é o fruto de uma luta interior e sem tréguas. Esta é a lição do primeiro. A do segundo é semelhante e também valiosa porque dum inocente. Todos fazem como ele. Defendem o que é seu. É um instinto.

Dando esta lição natural, todos ficamos a saber que ninguém é por natureza desprendido. Só por virtude.

*** Quem quiser fazer um juízo da encantadora desordem, que é a Casa do Gaiato, oiça esta: Era meia noite quando passei por uma cidade e trouxe de lá um pequeno dos da nossa marca. Tem dez anos. Chegou a nossa casa, tem de Avelino procura nas camaratas uma cama de vago aonde ele se deita e adormece. De manhã cedo o garoto vê-se na presença de chusmas de rapazes e estas a moê-lo com

e observando deles na copa e na cozinha, mete-se e desata a lavar pratos! E depois a limpar. E depois a fazer castelos. A senhora da cozinha vê o *trabalhador* e fica embaraçada. Não sabe quem ele é. Toma por um intruso e quer naturalmente mandá-lo embora.

Foi então que tudo se soube. Hoje o rapaz está devidamente registado. Já não há equívocos. É refeiteiro. Ora isto só pode dar-se na Casa do Gaiato.

*** Mesmo que aqui se tenha dito muitas vezes, nunca é demais dar a conhecer o número constante de pequeninos gatunos, parte integrante nas nossas comunidades. Compreende-se. São as lições da Rua. Ontem o Manuel dos Santos abre a porta sem pedir licença e entra no meu escritório quase desesperado. Ele é o chefe dos ciciterones. Estes recebem dos visitantes e entregam. Manuel dos Santos tem um livro aonde toma nota das quantias e dos nomes e das datas. Ao fim do mês soma e vem-me dar conhecimento. Tudo isto ele faz por si mesmo. É um rapaz desembaraçado, e promettedor. Pois ontem, dizia eu, ele entra furioso e declara que lhe tinham roubado setenta mil reis. Mostra a lata aonde tinha o dinheiro. Ele faz as entregas ao Avelino no fim da tarde. Naquele dia, tinha ido ao Porto. Nessa noite, como não podia deixar de ser, houve tribunal.

Mas eu tenho uma coisa mais importante a dizer aos meus leitores, a saber: esta sorte de furtos entre nós, dá certo. Condiz. Desde o primeiro dia até à data, o furto, seja do que for, é como que um alimento. Porém, tal como nos misteriosos processos da biologia, também aqui se encontra o microbio que ataca o microbio.

Na hora em que o Manuel dos Santos me veio dar notícia do furto, trazia na mão o remédio. Note-se que o rapaz, para bem dele e de todos, nem sempre pensou e disse como hoje, sempre particular... Demos graças a Deus. Que ele agradeça a Deus. Pois o rapaz trazia na mão este escrito em três cópias, que tantas são as lojas aqui perto.

«Acabo de ler com uma grande satisfação a ideia relacionada com a possível ajuda do Governo ao Património dos Pobres.

Cinco contos dados por cada casa seria o mesmo que meter Portugal inteiro no coração e na alma dessa humaníssima obra que o seu génio tão religiosamente tem erguido e que deve prosseguir porque já não será possível fazer parar esse caudal de bem querer ao próximo.

Que bonito seria o Governo vir também em auxílio da admirável cruzada de agasalho aos desprotegidos da sorte.

A paz e a harmonia entre os homens, sem agasalho e sem pão não existe e se na verdade o Governo assim o compreende e se se esforça por ser digno representante das magníficas virtudes do povo português não deve faltar aonde está presente o sentimento nacional, o seu suor e a sua caridade.

O Governo deve ser o reflexo da amorosidade da nação e esta, sem dúvida que está ao lado da sua admirável Obra de pioneiro do Bem e da Fé dos fundamentos da Igreja.

Por isso a ideia merece aplauso e deve insistir na obtenção dos 5 contos por cada casa a construir. A vida moderna Senhor Padre Américo, não é feita de panaceias nem de boas intenções mas sim de realidades e assim grande serviço presta V. ao Governo, incitando-o a que cumpra o seu dever em todos os campos aonde a sua acção pode ser benéfica.

Há medidas e actos que são de agrado geral e que devem estar sempre presentes no pensamento de quem dirige o país.

Por outro lado os que têm posições de comando devem ser os primeiros no exemplo, porque quando este vem de baixo os chefes diminuem-se aos olhos daqueles que de si dependem. E porque nenhum português de lei quer ver diminuído o seu Governo, façamos votos porque a ideia encontre verdadeiro eco no seio da autoridade como o encontrou no meio do povo que generosamente acorre ao seu apelo. Eu acredito e confio que o Pai Américo, vai conseguir mais esse milagre porque o seu desejo é o desejo de Nossa Senhora e Esta, está com todos nós nesta admirável lição de civismo, de caridade e de amor ao próximo

«Pede-se a todos os mercieiros de Paço de Sousa o favor de tomarem o nome de todos os Gaiatos que forem fazer compras principalmente coisas de comer.

Desculpem o termos de fazer isto mas perante o que está sucedendo não podemos por ora tomar outra resolução.

Esperando ser atendido no que digo respeito e assino».

Pergunta-me se estava bem. Pergunta-me se podia assinar. Pergunta-me se pode entregar e eu a tudo como que sim.

Micróbios contra micróbios. Nós somos um organismo perfeito e completo. Estamos de acordo com a natureza. Viva a Casa do Gaiato.

que V. despertou para glória da Igreja e honra de Portugal».

Esta carta é do Porto. Não cortei nada. Não aumentei nada. É tal e qual.

Se vamos chamar *milagre* a casos extraordinários, estamos na obra deles e para nós, portugueses, o maior de todos deu-se quando Portugal ressurgiu e foi buscar tudo aonde não havia. Uma criação do Nada! Esse milagre está. Crentes e descrentes são testemunhas e dão testemunho. Ora pode muito bem acontecer que *daquele* promane este dos 5 contos por cada uma das casas que se estão construindo e hão-de construir para uso dos indigentes, por Portugal em fora.

Que os chefes se não escandalizem e proponham com simplicidade. Sim, sim. Não, não. E se forem capazes, alegrem-se no Senhor Jesus.

OS NOSSOS LIVROS

Estando eu hoje na meu escritório, eis o pequenino Nadais, dizendo que *o Júlio manda aqui a primeira folha*. Antes de prosseguir, para que tudo seja cheiro, digamos que esta admirável criança é da viela. Tinha dez anos quando fez a quarta classe e ficou distinto! Aos doze, que foi há meses, pego nele e vou ao Porto apresentá-lo a uma firma importante, sem nada lhe dizer. O Nadais ia contentíssimo; era um passeio. Porém ao perceber, agarra-se à minha capa e diz três vezes que não. Não quis o emprego. *Vamos pra casa* e assim aconteceu. Grande notícia: a primeira folha de um livro nas mãos do enfeitado, que chama berço à Obra que o criou: *o Júlio manda aqui a primeira folha*.

Já não é pouco o seu auxílio eficaz ao nosso pão de cada dia; já não é. Para não irmos mais longe, basta dizer que um português residente no Brasil, deseja ser o primeiro a receber e manda para isso trinta mil cruzeiros!!

Depois, os livros aqui de casa são um assunto especial por via de quem escreve e quem imprime e quem dobra e coze e gruda e põe a capa e vai vender. Tudo isto é uma coisa diferente. Finalmente e isto é mais que tudo, temos a considerar o bem que as nossas edições causam. É mesmo com esse fim que as fazemos circular.

A primeira folha já está impressa. A segunda vai começar. No próximo Natal teremos um lindo presente.

Com a distribuição do *Ovo de Colombo*, o ficheiro aumentou; temos quatro mil assinantes. Ficarão de sobra mil exemplares, para acudirmos aonde for preciso.

Lede e propagai

«O Gaiato»

UMA DEPRECAÇÃO

TRIBUNA DE COIMBRA

Eu não conheço o Sr. Professor Dr. A. Lopes Rodrigues. Nunca o vi. Nunca o escutei. Não sei aonde mora. Da Obra Social a que ele se dedica também não conheço nada. Os seus preventórios infantis, outras modalidades de protecção, tudo; não sei nada. Do seu grande sanatório no alto da serra de Valongo, tenho-o visto do cimo de Vila Nova de Gaia, quando se entra em S. Ovídio, vindo do sul. Mas nunca ali fui nem sei como é. Hoje ao ler num diário da visita de *Os amigos do Porto* às instalações do grande sanatório de Monte Alto, prendi-me numa coisa que lá vem: o fundador daquela obra disse—*«logo que a Assi-tência angarie a verba de mil contos o sanatório entrará imediatamente ao serviço dos doentes pobres»*. Deixei cair o jornal no chão e fiquei por muito tempo a ver e a sentir o panorama dos nossos tuberculosos sem leite. Não vale a pena aqui descrever aquilo que toda a gente sabe e que magnificamente descreveu numa festa de há dias, aquele mesmo senhor, como também li no jornal; não vale a pena descrever. O que importa de momento é a terrível afirmação, tal como acima se descreve! Se a verba de mil contos é suficiente para enxugar caudais de lágrimas imerecidas e ele a pede imediatamente eu venho aqui deprecar

VISITANTES

Eles aí estão todos os dias, mas aos domingos é que é! Hoje pretendo destacar a grande família operária *Fábrica da Companhia Portuguesa de Tabacos*. Todos os anos aqui aparecem; uma vez no princípio e outra vez no meio e eis como eles falam:

Oficina N.º 1	630\$00
Oficina de Folha picada	530\$00
Oficina N.º 2	525\$00
Oficina de cigarros à máquina	342\$60
Oficina do Pique	135\$00
Contabilidade	86\$00
	2.246\$60

Com o ser todos e duas vezes por ano e isto há rôr de eles, só nesta data é que me foi indicada entre a multidão, uma operária alta, fresca e modesta, de quem disseram: *é ela. Ela é que promove*. Eu era à distância. Não a podendo tocar foi com um gesto que a saudei. Como já é costume, este grupo de operários dispersa-se pela mata e só à noite se retira. Ora tendo eu entrado na nossa capela ao cair daquele domingo, noto um vulto ajoelhado. Era ela. Era a operária. Estava sôzinha.

Se ele ainda há quem duvide que o amor do próximo é semelhante ao amor de Deus; se existe alguém tão mal informado, que cuide ser possível andar um sem outro; esse ou esses ponham aqui toda a sua inteligência e de hoje para o futuro mudem de opinião. Ela rezava.

que imediatamente apareça na cidade do Porto o *homem feliz* que lhe envie um cheque. Os ricos precisam. A ocasião oferece-se. O Sr. Dr. Lopes Rodrigues é um homem que vem a martelar uma única ideia há vinte e cinco anos. Quem assim malha sabe o que quer. Merece ser escutado. A cidade do Porto tem de fazer sua a causa dele. Não se discute. Não se compara. Mil contos imediatamente. Apareça um Senhor que possa racionalmente dispensar esta quantia e não diga a ninguém quem é para que seja mais alto o seu valor. Passaria assim num instante o vulgar ao sublime. Era a nota do verdadeiro valor da riqueza. Centenas e centenas de doentes sem nada de seu, iriam imediatamente gozar amanhã o cheiro de roupa lavada e um caldinho bem feito no alto de Valongo. Aquele advérbio imediatamente enche-nos de responsabilidade.

Ninguém me encomendou o sermão e até, pregando-o, posso causar prejuízo às Casas do Gaiato. Mas não se me dá. Não tenho medo. É tudo futura, tudo abundância. Trabalhar no campo dos Tuberculosos pobres é enriquecer.

Eu ando loente e magoado e se não revoltado é porque Deus me ampara. Estou farto de ver e de ouvir e de cheirar e de apalpar. Gostos não. Este sentido falta-nos à beira dos mirrados, a quem se podem contar os ossos. E ora, ao saber que mil contos dão imediatamente para aliviar tamanhas penas, não me seguro que não saia de mim. Mil contos! Mas há uma coisa que ainda me doi mais; são a maneira e fórmulas com que se mente a esta classe de doentes. Dar-lhe pastilhas é mentir. Recusar antibióticos outra mentira. E que dizer do *vá para sua casa que daqui a um mês nós manda-mo-lo chamar!* Assim se passam a vivos certidões de óbito! Sr. Dr. Lopes Rodrigues, desculpe o meu atrevimento. Se aparecer o homem com os mil contos na mão, congratulemo-nos com ele. O mundo anda errado quando tira o chapéu a quem dá, sendo que a verdade toda é que o lucro está neste e não na pessoa que pede. Isto é uma verdade eterna. Quem assim prega e faz vai na luz. Não tropeça. Os homens é que trocam as coisas, gostando de bajular e serem bajulados

Escrevo esta de frente à capelinha branca da Senhora da Piedade de Tábuas. A meu lado dormem a sesta regaladamente quarenta garotos das ruas de Coimbra. Estamos nas Colónias de Férias.

A saída de Coimbra a mesma algazarra, o mesmo adeus, a mesma alegria e as mesmas recomendações dos anos anteriores. Estamos aqui há quatro dias e ainda não vi uma lágrima de saudade. Foi este hoje o meu tema de meditação. Saudades de quê?

Vieram para passar vinte dias e a maior parte veio de mãos vazias; nem uma peça de vestuário. Hoje veio o Abel, o nosso pequeno barbeiro, rapar e ele muito espantado porque *todos tinham a cabeça suja e com muitos piolhos*. Quando se lhes marcou a cama, os que vieram pela primeira vez: *Olha uma cama para cada um!*... E muitos deitaram-se logo só de baixo da colcha, e outros nunca tinham visto dois lençóis. E na refeição foi um mundo de espanto: *Olha sopa, pão e conduto!*... E o mais que tivemos o prazer espiritual de ouvir. Hão-de ter saudades de quê?

Deu-me o Senhor a graça de ver com os meus olhos o lugar onde eles vivem e conhecer as suas condições de família. Por mais que tentasse este ano não realizar Colónias de Férias não fui capaz. Vejo-os durante o ano vir ao meu encontro a queixarem-se dos pulmões e doutras doenças parecidas e sei que é certo e por isso não fui capaz de ficar de braços cruzados e não as realizar. E em vez dos quinze dias do costume, este ano estão vinte. E a seguir a este turno virá um de meninas. E se o tempo permitisse outros viriam, enquanto eu soubesse que ainda havia crianças a vegetar, sem terem durante o ano vinte dias de vida humana. Conto também brevemente ir pelos lugares do costume buscar a vossa contribuição para estas.

E agora atenção àquilo que nos deram desde a Páscoa até hoje:

Cem do padrinho dum dos nossos que também dá assim aos outros afilhado; o mesmo da M.^a Helena e Irmã. Se todos os nossos amigos fossem, como estas duas irmãs, que aparecem muitas vezes, vivíamos às vezes momentos mais despreocupados. Qui-

nhentos do amigo da primeira hora e passados dias mais cem; quinhentos dum neo-sacerdote; sempre os 200\$00 mensais da *nossa amigueta*; umas calças usadas; 20\$00 de visitantes; sacos de géneros da Lentisqueira; roupas gabardines e mais de Coimbra.

Mel dum Senhor da Lousã; peregrinos de Vila Nova do Ceira deixaram 130\$00. Foi ali que se realizaram as Colónias quase de princípio. Uma carrada de objectos usados; um bolo e várias dum Médico sempre pronto; vinte de visitantes; 1 100\$00 da Reunião de Cursos de Farmácia de 1932; 40\$ de visitantes; 15\$00 do mesmo modo; 200\$00 em Mira dum Sacerdote; 20\$00 da Maria dos C. T. T., muito triste por ser só; 30\$00 de visitantes; roupas e sapatos aos vendedores.

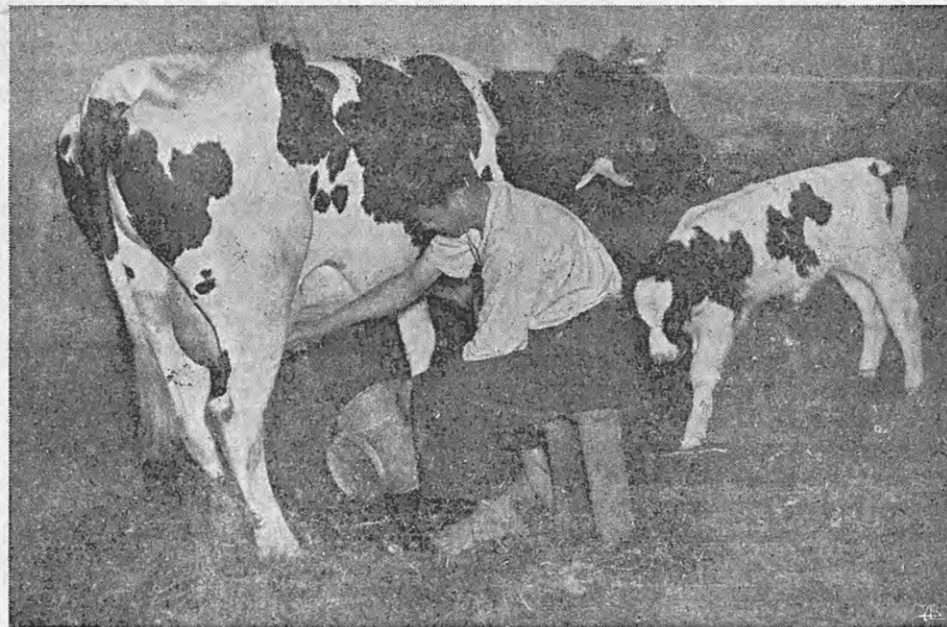
Um senhor foi ao Lar e deixou cem e pediu três missas. Já foi cun prido o seu voto. Cem de Miranda por alma dum irmã; meia peça de riscado dum amigo; dois casacos a um vendedor. Um Senhor Advogado de Cantanhede deslocou-se com a família a Miranda e entregou duas de quinhentos. Deus assim o tem recompensado na sua clientela. Quarenta de visitantes; mais de cinquenta da Escola Brotero; 110\$00 de uma excursão de Aveiro; roupas usadas e sapatos e pneus de universitários que aparecem no Lar muitas vezes; 250\$00 em vale de S. Amaro de Oeiras; cinquenta num envelop; muitos tostões dum escola primária.

Cem de visitantes; cinquenta no Lar; o mesmo no mesmo; revistas e papeis; bolos dum Senhor ilustre; mais no Bazar do Porto; «A laranjinha» das Caldas veio em peso e deixou mais de cem; visitantes com 40\$00; mais com 20\$00; outros com cinquenta.

Padre Horácio

DO QUE NÓS NECESSITAMOS

Mais de Lisboa um vale telegráfico de 5 contos aonde vinha a mensagem: *peço orações por uma senhora*. A quem é que se confia no mundo um transe assim? Igual a obra que merece? Que laço, que sangue, que amizade Se viva, se morta, não sabemos. Seja como for, é um crente que pede. Afirma a Eternidade. Aqueles cinco contos perdem aqui o seu poder de compra, ficando com outro maior. A conquista. Conquista de almas para Eternidade. Mais *Saridon*. Temos recebido mas pedimos mais. Mais duzentos de Lisboa de um estudante de medicina. Mais 150\$00 de Cerveira. Mais cinquenta de Lisboa. Mais 100\$00 da Beira, África. Mais metade de Sernada. Outro tanto do Porto. Mais 300\$00 idem. Roupa usada do Lobito. Mais duzentos de Leça da Palmeira. Mais os 113\$00 do costume dos *Serviços Médico Sociais de Lisboa*. A Maria Adelaide do Porto tinha feito uma promessa de vinte escudos, mas como quer que não tivesse podido cumprir a tempo, ela vai e manda também os juros: 120\$00. O negócio. Mais de Lordelo, uma lembrança. Mais 20\$00 de Lisboa. Mais 370\$00 de Tramagal. Mais duzentos de Porto de Mós. Mais 40\$00 de algures. E mais nada.



Aqui é Miranda. Lettel Quem for ao Fojal vê tudo como aqui. Na futura Casa do Gaiato de Beire as vistas serão idênticas. Somos nós.

NOTA DA QUINZENA

Ontem de manhã entrou não sei por onde um homem estranho e aparece-me vindo do interior da casa. Sem me pedir licença da ousadia nem nada, o homem aproxima-se e começa a falar. Meia idade, alto, barba por fazer, cara de quem não come o que precisa. Por dentro das calças, ouvem-se as molas de uma perna artificial. Trazia na mão um papel dobrado e pretende que eu tome e leia. Era uma receita. O estranho tenta-me explicar o estado de sua mulher, de onde compreendi que se tratava de uma infecção galopante. Aqui o homem faz uma pausa. Da mulher passa *aos meus quatro filhinhos*. As lágrimas embargam. Eu quedei como quem espera. Não tardou muito que ele me não desse a causa de tamanha aflicção. O médico tinha sido perentório: *se a sua mulher não tomar já este remédio, não se salva*. É ele, o pai aflito, não tem posses, nem meios, nem esperança. *Eu não tenho nada em casa*.

Eram dez horas do dia. Saio de ao pé de ele, abro as portas de vidro e passeio por um nada nas lages da varanda. Os campos são prometedores. Árvores de fruto vergam. Tudo respira abundância. Deus multiplica sem conta. Podia e até devia raciocinar à maneira dos mortais; entrar de novo na sala e dizer ao homem que fosse por outras casas pedir a outra gente, mórmente aos da freguesia. Mas não. Tomo a receita e fiz um acto de fé como quem escreve o nome. Um acto de fé veemente, ousado, cheio — total. Quero caminhar nas ondas sem submergir. Nem obras que temos em mão, nem rapazes a sustentar, nem encargos civis, nem o dia de amanhã, nem nada. Assinei o documento, tomei a responsabilidade e pronto: 300\$00! Se até ali o homem tinha chorado, agora muito mais.

Mal este sai, noto um vulto que se arrasta na curva da avenida. Vem-se aproximando pouco a pouco. O seu aleijão acende a curiosidade e quando chega ao pé de mim, era um mundo dos mais pequenos em redor. Também este tira do bolso um papel e pede-me para assinar. Outra receita. Traz quinze quilómetros de caminho. Não anda; arrasta-se! Disse-lhe que não acreditava e recusei assinar. O homem também é pai e tal como o outro que saíra há um instante usa a mesma linguagem de lágrimas: *eu queria salvar a minha filha*. Tomo o papel, peço uma caneta e faço dele um documento. *Não acredito que este homem se veja obrigado a arrastar-se do concelho de Lousada até aqui, mas se tal é verdade, pago estes medicamentos, e assinei o meu nome*.

Tanto num como noutro caso, trata-se dos modernos antibióticos, que são, como todos nós sabemos, a renovação apurada duma coisa antiga. Na verdade, quando eu era pequenino, se dava um golpe na mão recordo-me perfeitamente de quem ia ao tecto da cozinha colher a teia de aranha mais suja que ali estivesse e tal como era, sem me lavar a ferida nem me enxugar o sangue,

a minha mãe colocava-a sobre a ferida e ela sarava! Hoje, outros processos. Outra eficácia. Demos graças a Deus. O homem responsável por este melhoramento, tem sido justamente aplaudido e condecorado. Não há ninguém que lhe tenha negado louvores. Os jornais o dizem e não dizem tudo. É uma parte. É a primeira parte do acontecimento. Agora espera-se a segunda. O homem que estude e ponha em prática a maneira de colocar ao serviço imediato de todos o benefício deste medicamento, e assim teremos a obra completa. Até lá, não. Não senhor. Existe sempre a injúria ao Pobre.

UM PEDIDO

Ninguém atura a senhora da cozinha. É um frigorífico. Ela quer um frigorífico e apresenta em favor grandes regras de economia, mostrando com algarismos os estragos na cozinha causados pela sua falta. Ela quer um frigorífico. Primeiramente, tentou vender galinhas aos visitantes, mas isso não deu nada. Sabendo que temos uns bois para vender por catorze contos, ela vai e pede-me o dinheiro. Como não foi atendida e tivesse dado fé de umas covas de carvão que o Sérgio queimou, ela quer o carvão! Como também não, ela vai e pede-me o vinho; o vinho que se anunciou no último jornal e que ainda não está vendido. Ora nem vinho, nem carvão, nem bois, nem nada. De tudo isto precisamos para outras despesas. Se houver algum senhor que venha a ter pena da senhora cozinha, ponha às suas ordens um frigorífico. Será tudo frescura.

Notícias da

Conferência da Nossa Aldeia

A abrir, registamos uma carta do Bombarral: *Em Nome do Santíssimo Nome de Jesus para a Conferência da Aldeia, 50\$00*. Tanto a nossa Conferência como toda a Obra da Rua estão sob a guarda do Santíssimo Nome de Jesus. O Seu Nome opera prodígios. A Obra da Rua é um deles. Mais 50\$00 para os Pobres da vossa Conferência. Maria Amélia Vilas Boas Castello, 20\$00. Da assinante 8667, do Porto, 10\$00 e desejava mandar muito mais; mas presentemente não posso. Os costumados 20\$00 de Lisboa, para a Conferência de S. Vicente de Paulo da Aldeia. Igual quantia da assinante 17.022. Da esposa do assinante 23.643, recebemos uma carta com 200\$00 para a Conferência (minha filha também é Vicentina) e com muita pena de não poder mandar mais!... É tudo o que nos veio ter às mãos esta quinzena. Deus queira que para a próxima os leitores animem, porque se não é caso sério. Não nos lembramos de superavit...
Júlio Mendes

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Nós estamos a par do movimento nacional desta Obra imediata, pelos serviços do «Recorte». Na verdade, todos os dias chegam dois e três subscritos com recortes de jornais aonde tudo consta. Jornais de todo o Império. Alguns da França e do Brasil. E amos inteirados. Sim. Ora o *Concelho da Murtosa* de 30 do mês passado publica e dá por minhas as palavras ditas em Aveiro:

«Ou agora — ou nunca! Ou escrevemos esta bela página de história — ou seremos acusados de mentira, de traição, de comodismo, de inércia, de tudo aquilo que não tem sentido de vida alta, e nobre, e apaixonada.»

Mas eu teria dito isto?! Será minha na verdade esta grande tirada?! Se tal é, não fui eu; é a Obra a falar por mim. Eu acho isto tão certo, tão oportuno, tão de esmagar, que só a espontaneidade. Quem estuda não diz assim.

Um cristianismo sem Cristo, conduziu-nos a estes apuros. Hoje entramos na hora de ressurgir. É o milagre do ressurgimento. Todos quantos ajudam são artistas do Divino.

É só porque temos necessidade de espaço, que se não fora tal, enchamos todas as colunas, tantos os párocos e tantos os vicentinos e tantas as terras de onde nos pedem instruções! Outros também escrevem a comunicar o andamento da construção delas. São tudo notícias da primeira página.

Pelo que os jornais disseram, as primeiras casas do Porto foram entregues no Carvalhido a vinte e cinco de Julho. Muito lindas. Muito airoas. Oito famílias pobres dizem hoje bem da sua sorte.

O segundo lote deve ser entregue por todo o próximo Outubro. Andam uns oitenta homens diários em Miragaia. Ali são vinte oito famílias. A beirinha do campo do Salgueiros já eu vi com meus olhos alicerces a subir. Para o lado de Paranhos, li nos jornais a festa da primeira pedra. Ramalhe se ainda não, vai ser. Quanto não pode uma simples ideia entregue e consagrada à Igreja! Não fora ela, a Santa Madre Igreja, e teríamos casas de renda barata. Era só isto e seria muito bom, mas não era mais nada. Ninguém chamaria e se o fizessem quem ia? As vistas de uma casa só interessam ao seu dono. Mas as casas do Património são outro assunto. É a Mãe que as oferece sem retribuição. É este amor que transforma e perturba e inquieta e vai até ao fim para saber se é verdade. Eu sei de muitos homens que têm estado a ver como são feitas as casas de Miragaia e declaram ali a pés juntos em frente de quem os quer escutar. O testemunho dos operários não é suficiente. Debalde lhes dizem que são naturais de Paço de Sousa, aonde existem dúzias de casas feitas e que os seus habitantes não pagam renda. Não importa. Não acreditam. O sítio, o sério da construção, a luz e o espaço; *isto não se dá de graça a ninguém!* E ficam à espera do dia em que possam perguntar a cada família e ver o semblante de cada um. Desconfiados do incrível tal como outrora o discípulo de Jesus! Também ele achou fora das marcas que o seu Mestre querido tivesse ressuscitado. A loucura da Obra está justamente nisto: ser uma coisa fora da marca. Não acreditam sem ver!

PELAS CASAS DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA Esteve na nossa aldeia no passado dia 18, a grande excursão das colectividades do Porto, que em nome de toda a cidade nos vieram trazer um grande abraço, que eu em nome de todos os nossos irmãos venho por estas duas humildes letras agradecer.

Também trouxeram um excelente grupo de futebol, que às 10 horas jogou com o nosso e ganhou muito bem por 4 bolas a uma. O nosso grupo também se apresentou desfalcado mas os nossos amigos visitantes é que não tiveram culpa disso...

A tarde no nosso palco, tivemos o prazer de apreciar um excelente acto de variedades e a peça teatral «O Galato de Lisboa» apresentado superiormente por um conjunto de Amadores: «Os vencedores de S. Gemil», da Maia.

Depois de ter falado o Senhor Américo Cardoso, Presidente da Federação das colectividades do Porto que num brilhante improvisado fez o elogio à nossa obra e seus timoneiros, falou o Rev.º Senhor Padre Adriano em nome do Pai Américo, por este se ter ausentado, por motivos de saúde.

As colectividades do Porto que vinham na excursão eram as seguintes, às quais muito temos a agradecer: «Caixa de Beneficência dos tuberculosos da Freguesia de Santo Ildefonso»; Grupo Excursionista «Dragões Portucalenses»; grupo Excursionista e musical «Rabeca do Caneiro»; grupo Dramático dos «Empregados do Comércio»; grupo excursionista «Unidos do Paraíso»; e «grupo musical de Miragaia».

Não quero terminar, sem em nome de todos agradecer a todos os visitantes que, incorporados na festa das colectividades do Porto, vieram até nós trazendo-nos um bocadinho do seu coração e dizer-nos que a nobre cidade onde nasceu Portugal está sempre ao nosso lado. Sempre pronta a colaborar conosco, facilitando-nos assim a nossa missão.

Agradecemos muito também a todos os membros da comissão e principalmente ao Senhor Américo Cardoso, que foi o grande impulsor desta visita. Até à próxima, amigos.

O Sporting Clube da Tipografia no passado dia 19 realizou um encontro de futebol, com os carpinteiros. O jogo decorreu muito animado e ao fim o marcador acusava o empate a 8 golos. O melhor jogador em campo foi o Machado, que era o árbitro, que apitava à sorte e isso lá-lhe custando desgostos. «Quem te manda sapateiro, tocar rabeção»? Temos quase a certeza que para outra vez já lá se não mete...

No dia 18 passado, uma senhora que se encontrava de visita à nossa aldeia, juntamente com as colectividades do Porto, perdeu um brinco de ouro, que muito agradecemos a quem o achou, se me está lendo, o favor de o entregar, pois é um brinco de grande estimação. Também se perderam várias peças de roupa e esperamos que os nossos amigos o oiçam.

—Já se foi embora o Rev. Senhor P.º Edgar da Silva Afonseca, que esteve ao serviço da Obra durante o tempo em que o Senhor Padre Carlos esteve no Seminário.

Muito lhe agradecemos os relevantes serviços prestados à Obra da Rua, onde conquistou inúmeras amizades.

A este ilustre amigo desejamos-lhe muitas felicidades e bênçãos do Céu.

A nossa Conferência tem funcionado com toda a regularidade.

Os nossos não deixam que o déficit aumente. Aqui tudo serve. Tudo tem utilidade. Tudo se aproveita: calçado velho, roupa também velha e se por acaso estiver por aí algum corte esquecido...

—Saíu o 4.º fascículo da História do F. C. do Porto, colectividade que mantém as melhores relações com a nossa Obra.

Este fascículo como todos os outros vem recheado de óptima colaboração e destaca-se a homenagem que presta ao futebol Nacional.

Pelo seu êxito, tanto artístico como literário, permitam os seus editores que a «malta», os felicite e em particular o amigo

Daniel Borges da Silva

Colabore na «Campanha de Assinaturas», angariando novos assinantes.